ANO VI — BARCELOS, 26 DE MAIO DE 1938 — N.º 307

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NOTAS DE LISBOA

9 DE MAIO

Entre os concorrentes estrangeiros ao *Prémio Camões*, foi Gonzague de Reynold quem triunfou, consoante a justa decisão do juri dêsse Prémio.

O *Prémio Camões*, instituído pelo S. P. N., destina-se ao escritor estrangeiro que, em extensão e profundidade, melhor obra tenha escrito, ou venha a escrever, a respeito de Portugal—do Portugal eterno no Portugal de hoje, do Portugal de hoje no Portugal eterno.

Ora, a obra que Gonzague de Reynold escreveu a nosso respeito, com o título *Portugal*, estava naquele âmbito, como a que ainda nenhum escritor estrangeiro escreveu ultimamente; e, por isso, o prémio deferido ao escritor suiço foi um acto de justiça, absolutamente de acôrdo com o valor da obra, e do pensamento que preside à bela iniciativa do S. P. N.

Ao S. P. N. devemos várias iniciativas valiosas e oportunas, de propaganda do bom nome de Portugal no estrangeiro. A do *Prémio Camões* há-de, por certo, concorrer para lá fora despertar, entre os intelectuais e os escritores, a curiosidade de nos conhecerem de perto, e de escreverem de nós, e da nossa Revolução, apenas a verdade, *que outra coisa não queremos*.

*

O dia 3 do corrente foi consagrado ao *Dia da Marinha;* e êste ano, alem do desfile da actual esquadra no Tejo, presenciado por tantos milhares de pessoas entusiasmadas, que aclamaram Carmona e Salazar, houve, em tal dia, a comunicação oficial do segundo programa de construções navais, que a Emissora Nacional transmitiu ao País, pela bôca do sr. Major general da Armada.

O segundo programa, correspondente à segunda fase do previsto ressurgimento da nossa Marinha de guerra, compreende 20 navios e 40 hidroaviões —os quais, somados aos navios existentes, formarão, dentro de três anos, uma esquadra moderna e eficaz, de mais de quarenta unidades, e apoiada por uma frota aérea de valor bastante apreciável.

Já hoje ninguem duvida das realizações do Estado Novo, tão palpáveis, e tão constantes no ritmo com que elas começaram e continuam, no plano de engrandecimento nacional, que se vai desenvolvendo quasi de ano para ano. O que se promete hoje, tôda a gente hoje tem a certeza de que se cumpre àmanhã—porque tudo o que dentro do Estado Novo se promete, como a experiência de dez anos o prova, se estuda bem estudado, de harmonia com as necessidades urgentes e com as possibilidades financeiras, e se realiza para bem da Nação.

Um Estado, que tem de acudir a tôdas as necessidades do País, e que a elas acode com os dinheiros de um País que não é rico entre os ricos,— precisa de pautar, de hierarquizar as necessidades, as soluções, e as despesas respectivas, sob pena de não acudir ··· *tivamente* a nada.

O Estado Novo tem dado provas, se espelham na sua administração, ue sabe conciliar a nossa pobreza as necessidades do nosso engran· nento, agindo com método, com mo, e, ao mesmo tempo, com fé. emos, pois, a certeza de que a Pátria, que não é só êste rectân· na Peninsula, senão também o império que atravessa o Mundo, —dentro de três anos, possuirá uma esquadra já à altura da sua extensão territorial, e capaz de, em tôda ela, fazer respeitar os direitos da nossa Bandeira.

¡Onde fica já o chamado *zero* naval, vergonha que foi da Marinha portuguesa, e da Nação!

16 DE MAIO

No Secretariado da Propaganda Nacional, houve, há dias, uma brilhante festa—a festa da distribuïção dos prémios literários de 1937, entre os quais figurava o *Prémio Camões*, êste ano deferido ao escritor Gonzague de Reynold, como já dissemos.

Salazar, o obreiro da Revolução Nacional - revolução do primado do Espírito sôbre a matéria—foi, quem presidiu a essa festa.

António Ferro, director do S. P. N., a quem é justo que a Nação vote gratidão merecida, por ser, no Mundo, o arauto do nosso engrandecimento, falou e disse verdades, das quais a que, na apreciação que de nós façam os escritores estranhos, o que nós queremos é que digam apenas a verdade, embora nos façam doer; e que, quando a verdade nos dôa, na apreciação dêsses escritores, saibam êles que a não ignoramos, nem que, no poder, não haja alguem tão atento a ela, que não cuide de melhorar o que ainda não estiver melhorado,—pois a Revolução continua.

Para êsse efeito, e para que os escritores estranhos nos conheçam melhor, mas sempre com verdade, é que o S. P. N. criou o *Prémio Camões*.

Não nos interessa a mentira, nem a lisonja: interessa-nos a verdade, que é o maior elogio à obra portuguesa do Estado Novo.

*

No mesmo espírito de verdade é que o Govêrno do Estado Novo acaba de reconhecer *de jure* o Govêrno do generalíssimo Franco.

Conforme o afirmou Salazar, no seu memorável discurso de 28 do mês de Abril dêste ano, não foi para conquistar simpatias ou posições que o Govêrno português reconheceu o Govêrno da Espanha nacionalista; mas para romper com a mentira dos que ainda chamam *rebeldes* aos nacionalistas espanhois, e com a mentira dos que chamam *Govêrno legal* ao Govêrno *vermelho*.

No Mundo, como se tem visto a respeito da guerra civil de Espanha, dominam as mentiras, porque dominam as ilusões que se amparam, se alimentam com as mentiras. Chamar *Govêrno legal* ao Govêrno *vermelho* espanhol é fingir ignorar que êsse Govêrno *vermelho*, sôbre não se ter formado cosoante os trâmites da mecânica constitucional de que êle se diz representante,—nada governa, porque nada pode contra a desordem e os sucessivos actos de banditismo dos que fingem ser seus subordinados. Mas chamam-no assim, porque julgam que a ilusão democrática ainda há-de triunfar da realidade—da realidade de uma Espanha nova, que se ergue apoiada à fé cristã dos seus maiores, e apoiada às tradições da sua história, para vencer, não para ser derrotada, nem negociar com os seus inimigos, que são inimigos da Civilização.

Bem andou o Estado Novo em dar mais esta lição de verdade ao Mundo, para seu ensinamento.

A. da F.

Continuídade administrativa

Um dos grandes males do regime demo-liberal era a instabilidade politica. Era da praxe que os partidos oposicionistas tinham de combater os governos fôsse qual fôsse a sua obra, mã ou bôa. E este negativismo politico havia criado raizes e tradições. A opinião publica, tão susceptivel de desorientar-se pela palavra escrita ou falada, não podia conceber outro modo de fazer politica senão assim. E quanto maior era a bravura e arreganho do combate contra o governo tanto mais lhe agradava. Farejava-se a proposito de tudo e de nada o escandalo que mór parte das vezes se forjava para gaudio das multidões delirantes, aplaudia-se o insulto. Assim vivêmos, creando os peores habitos politicos, durante todo um século.

Politicos houve de grande nomeada que não fizeram outra causa que não fôsse semear e inventar o escandalo. De tantos homens que transitaram pelas cadeiras do Poder, de 1834 a 1926, um só, Fontes Pereira de Melo, poude deixar de si a ideia de um construtor, de um reformador. Certamente que entre os homens do regime parlamentarista muitos haveria desinteressados pessoalmente competentes, capazes de realisações uteis em proveito da colectividade que desejariam ter servido. Nada conseguiram. O mal era do regime. A excepção de Fontes Pereira de Melo explica-se não só pela sua habilidade mas porque surgiu um momento em que a fadiga das lutas politicas era manifesta.

Foi esse momento de repouso forçado que ele aproveitou para impor a sua autoridade e realisar o seu plano de fomento. E com o desaparecimento de Fontes tudo voltou à mesma.

A pulverisação dos partidos, a mudança constante dos governos, falam das caracteristicas da nossa politica nos ultimos anos da monarquia. Tinhamos de assistir a cousa muito peor com a Republica. Com efeito, não obstante o domínio quasi exclusivo dum só partido no período agitado da nossa vida politica que vai de 1920 a 1926, nós tivemos nada menos de 43 ministerios, uma media de três ministerios por ano. Como era possivel nestas condições a quaisquer homens publicos realisar uma obra de utilidade colectiva? Impossivel. E a que se viu foi a amoralidade, a indisciplina, o interesse pessoal a contaminar as almas, a corroerem o corpo social da Nação. Esta despertou, finalmente; o Exercito soube interpretar os seus anseios de vida nova.

Faz dentro em pouco dez anos que Salazar surgiu para a vida publica como Ministro das Finanças. A sua obra neste departamento da administração do Estado impô-lo desde o primeiro momento. A sua influencia fez-se sentir igualmente pouco depois de realisar o equilíbrio financeiro nos outros Ministerios, particularmente naqueles a cujo cargo estão os serviços economicos. Depois ascendeu por direito proprio à Presidencia do Ministério e revelou-se na acção desde então desenvolvida o grande politico e reformador que o seu famoso discurso da Sala do Risco já indicara. Ha quasi seis anos que dirige superiormente a vida da Nação. Esta continuidade governativa tem-lhe permitido realizar uma obra notavel em todos os sectores da vida portuguesa. Reformas politicas, ecomicas, sociais, o rearmamento nacional, a moralisação dos costumes, enfim, uma obra que não tem paralelo em qualquer outro dos nossos períodos historicos, se se atender às circunstancias excepcionais da vida internacional.

E tão brilhante essa obra é que transcende as fronteiras da Patria. Com efeito, Portugal é hoje conhecido admirado lá fora. Isto se deve ao genio de Salazar e ao regime de estabilidade governativa que inauguramos.

Z. F.

Farmácias de serviço

No proximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as Farmacias dos srs. Antero de Faria, no Largo Dr. Martins Lima e J. Alves de Faria em Barcelinhos.

TEATRO GIL VICENTE

CINEMA SONORO

No proximo domingo, às 21,30 teremos no Gil Vicente, uma sessão de cinema sonoro com o filme

O VEU DAS ILUSÕES

A revelação duma nova Greta Garbo, radiosa de mocidade, alegre, embalada por sonhos, que a entristecem, que a embriagam, no turbilhão do amor, no turbilhão da vida.

E, no entanto, a-pesar-da sua metamorfose, vamos encontra-la como sempre a conhecemos—a artista única incomparavel a divina Garbo, maravilhosamente humana.

PROGRAMA:

Aveiro—Documentário português
Ladrões do caixote do lixo—Farsa
Campeão da Laranjinha--Desportiva
O Rei Justiceiro—Desenhos col.
O Veu das Ilusões—Dramatica.

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos:

Amanhã—as Senhoras D. Maria Eduarda Carmona de Faria e D. Maria da Conceição Sá Carneiro Cardoso Lopes.

Domingo—o sr. Dr. Manuel Baptista de Lima Torres.

Dia 30—o sr. Domingos Carreira e a menina Maria Amélia Sá Carneiro Cardoso Lopes.

Dia 31—os srs. Antonio Albino Marques de Azevedo e Fernando Antonio Barbosa Lamela.

Dia 1 de Junho—o sr. João da Cruz Miranda.

RETIRO ESPIRITUAL

Milagre da Fé

XXII

Vamos conversar, queridas leitoras. Vamos ligar o fio destas desataviadas e amênas palestras, com as quais, sempre e desde o seu início, tenho procurado insuflar na vossa alma o sôpro divino, e imprimir no vosso coração os carismas da fé, servindo-me para isso dos salutares exemplos da vida espiritual e contemplativa dos grandes santos e das lições práticas do Evangelho.

E' neste livro santo, é na História Sagrada, que nos fala da vida divina e humana do Homem-Cristo e do seu peregrinar constante pela terra ingrata que outrora foi Paraízo, que eu vou encontrar os verdadeiros modelos de virtudes cristãs. E', sim, é neste guia das almas, qual fonte da água-viva, onde vou beber a inspiração e dessedentar o meu espírito, àvidamente sequioso de verdade, de luz e de justiça:—Luz para a minha razão, verdade para a minha inteligência, justiça para bem saber julgar das obras e acções do meu e do vosso próximo.

Como, porém, o Evangelho é resumido em certas passagens e omisso noutras, recorro aos preciosos volumes da «*Vida de Cristo*», o maior e mais belo guia auxiliar dos santos Evangelhos, em cujas páginas sublimes vou encontrar as explicações claras e concretas, da razão de ser dos milagres da fé e outros fenómenos de ordem sobrenatural, revelados ao mundo cristão pela venerável e piedosa vidente Ana Catarina Emerich.

Mas, aqui estou eu, queridas leitoras, a filosofar, abstracta, enlevada, com a alma presa na contemplação do belo e do sobrenatural. E' que, os meus olhos, ficaram deslumbrados ao alongar a vista pelos canteiros floridos da filosofia cristã... Mas já passou o extase.

Não é nem era êste o assunto principal da minha palestra. O meu objectivo era e é, todavia, falar lhes dos milagres surpreendentes, operados pela fé. Vou ver, portanto, se consigo, pelo império da minha vontade excitar e dinamizar a vossa, pela fusão e transmissão do pensamento.

*

Falei-lhes, há semanas, da fé de Moisés e dos grandes milagres por êle operados à vista do povo judeu, sempre exigente e mal agradecido a Deus. De ignorante e humilde pastor de ovelhas, o Senhor fê-lo um sábio e prudente condutor do seu povo. Porquê? Porque se humilhou e não se exaltou.

Passemos, agora, do Velho para o Novo Testamento.

—A quem recrutou Jesus, para seus colaboradores e auxiliares, para executar e levar a cabo a obra ingente da redenção e salvação da ingrata Humanidade? Aos sábios da antiga Grécia? Aos filósofos da Roma pagã? Aos mestres ou discípulos das escolas de Sócrates ou de Platão? Não, queridas leitoras!

Jesus-Cristo, o Homem-Deus, Aquêle a quem os fariseus e Doutores da Lei chamavam desdenhosamente o Filho do Carpinteiro José, foi às costas marítimas escolher 12 rudes mas humildes pescadores, almas simples, cuja ignorância das coisas do mundo é assim confessada por Simão Pedro, quando Jesus o convidava para ser pescador de almas:

—«*Mas, Senhor, eu sou um ignorante. Como é que eu poderei ensinar os outros*»?

E, São Pedro, como os demais Apóstolos seus companheiros, fizeram muitos e importantes milagres; e tão assombrosos êles foram, que revolucionaram o mundo pagão, salvando os homens, mergulhados nas densas trevas da matéria, para os trazer à luz resplandecente da vida do espírito!...

Como o espaço falta, continuará no próximo número, com o mesmo têma, a vossa gratíssima

Servita

CRÓNICAS DA GUERRA

MANOLA

(A' D. ZÉ ZÉ, MODÊLO DA MULHER PORTUGUESA NACIONALISTA)

Manóla! Êste nome não desperta nenhuma sensação de curiosidade ao leitor, porque não atingiu a meta da celebridade, como qualquer artista do écan. Manóla! ¡Mas nome com sabor, a castanholas e fandanguilhos sensuais. Um nome que o leitor lerá com indiferença e que muitos centenas de guerreiros, com a tez queimada pelo sol e pela pólvora, veneram.

Manóla, leitor amigo, podes tomar-la como símbolo da mulher espanhola, adaptada às circunstâncias da guerra actual. Manóla é natural duma pequenina aldeia de Malaga. E' andaluza e, portanto, corre-lhe nas veias sangue árabe, ardente como a lava ígnia dum vulcão. E' pequena de estatura, morêna, olhos nêgros vivíssimos, os lábios sangüíneos cortados em coração. Tinha o noivo, um rapaz alto e loiro. Era legionário do Tércio, em Melilha. Quando eclodiu esta guerra santa e as tropas marroquis—Tércio e Árabes—desembarcaram na Península, Manóla pôde furtar-se à vigilância das autoridades «rojas» e conseguiu fugir em direcção a Sevilha. Dali partiu para Badajoz. Já cêrca desta última cidade alcançou a «bandera» à qual pertencia Pepe,—o noivo—, que em A'frica, na dura escola da Legião, ambicionou uma vida melhor, apoz tantos e tantos desaires que tivera.

Viu o Manóla coberto de pó e suor. Pendurou-se lhe do pescôço, como um brinquêdo e beijando-o emocionada:—Pepe! Pepe, meu amor! Êste, ainda não refeito da surpreza, preguntou-lhe tartamudo:—Como vieste? Para que vieste, louca?

—Para ver-te e para te acompanhar.

—Mas isso é impossível! Não pode ser, filha.

—Não pode ser, preguntou-lhe ela, duvidosa? Verás! E sem mais explicações correu, como uma flecha, até junto do capitão e sem mais preâmbulos disse-lhe:

—Senhor capitão, tenho aqui o meu futuro marido, desejo acompanhá-lo e peço V. S.ra que me autorize a ficar com êle aqui na «bandera». Posso ser útil como enfermeira.

Ante a veemência daquêle pedido o capitão, tipo de velho guerreiro africano, o corpo cheio de gloriosas cicatrizes, homem habituado a tôdas as emoções, comoveu-se ante aquêle pedido e observou-lhe:

—Eu não tenho mêdo do perigo, senhor capitão! Pode dar-me até uma espingarda que eu entrarei em combate ao lado do Pepe. O capitão acedeu por fim e apertando-lhe a mão com energia, disse-lhe:—Que não te arrependas! Se tôdas as mulheres fôssem como tu!...

—Não me arrependerei, verá, senhor capitão!

* * *

Pepe manifestou-lhe o seu desagrado:

—E' que tu, louquita não sabes o sacrifício que te impões.

—Deixa-me, não sejas pesado (quere dizer maçadôr...). Verás que até vou ganhar muito dinheiro.

Sabes o que necessito agora?

¡Uns calções, uma camisa e umas botas de legionário!

—Para quê, preguntou-lhe Pepe, intrigado?

—Já verás!, foi a única resposta que obteve. E acto contínuo tirou-lhe a mochila dos ombros. Seria menos penosa, para êle, a marcha.

Os raios do sol caíam verticais, câusticos, sôbre os dôrsos dos legionários nêgros de pó.

A's sete da tarde a bandera fez alto sob um extensíssimo olival.

Tinha sido alcançado o objectivo sem dar um tiro. O inimigo fugia aterrado pela presença do Tércio na rica planície extremenha Sabiam os rojos que os legionários jamais rotrocedem. Morrem avançando aos gritos de Viva La Legión! Viva la Muerte!

Meia hora depois de acamparem as companhias, uns setenta æroplanos de caça inimigos sobrevoaram todo o olival, farijando a presa, mas nada poderam descobrir e desapareceram novamente no ceu azul.

. . . . . .

Já tinha sido esquecido o incidente dos aviões, apresentou-se ante a mesa do capitão, que ceava junto com os seus oficiais e comentava alegremente as operações vitoriosas do dia, um legionário, ainda imberbe:—A's sus ordenes, mi capitan! E ante a mirada interrogadora do capitão, ofereceu a êste uma garrafa de conhac.

—Para Usted! Não me reconhece? O capitão esfregou os olhos com as mãos engorduradas:—Será verdade isto?. Tu não és Manóla, a noiva de Pepe?

—Uma sua criada!

—Quem te reconheceria!

E entusiasmado, para os alferes novitos, que aprovaram, entusiasmados.

—Desde hoje és a mascote da «bandera».

Todos riram com alegria e beberam à saúde da mascote.

Não foi menos que a do seu chefe a estupefacção de Pepe, ao reconhecer a noiva sob a farda legionária que lhe fica admiràvelmente. E desde aquela tarde, Manóla, começou a trabalhar. Ajudava o médico a curar os feridos e as suas palavras eram tão eficazes como o melhor medicamento. Vendia tabaco, conhac, sabão e tôdas as pequenas coisas que fazem falta ao soldado.

Um dia chamou-a o capitão.

—Brevemente faremos uma surpreza...

—E é?, preguntou-lhe curiosa.

—A'h! isso só o saberás mais tarde, respondeu o oficial, rindo de gôzo ante a curiosidade crescente da simpática rapariga.

(Continua)

Frente da Catalunha, 24-4-938.

A. Pereira Batista

N. do A.—Há muito tempo que as minhas pobres crónicas não visitavam as colunas do «Notícias».

A actividade guerreira dêstes últimos mêses, primeiro, e as feridas que me impossibilitaram de escrever, depois, foram as duas causas, porque deixei de contar aos leitores as minhas impressões. A guerra está a terminar e então, mais tranqüilamente poderei descrever-lhes aquêles episódios gloriosos, amassados em sangue de herois, que eu tive a felicidade de viver.

Pereira Batista

AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO

Largo José Novais

Telefone 8

VINHAS

Os dez mandamentos do Viticultor

—

Se quiserem vencer o míldio e o oídio dos cachos, metam bem na cabeça estes dez mandamentos:

1.º—Fazer tratamentos preventivos. Não esperar nunca o aparecimento das manchas. Quando já se encontram manchas ou nódoas é tarde. O melhor remédio só evita a morte do doente sendo aplicado a tempo.

2.º—Começar as primeiras sulfatagens e sufrolagens pouco depois do nascer dos rebentos. Os rebentos novos, cheios de seiva, são muitos fàcilmente penetrados pelos germes do míldio.

3.º—Renovar os tratamentos, sobretudo no princípio da vegetação. As fôlhas novas têm necessidade de remédios para se defenderem. Do míldio das fôlhas ao míldio dos cachos há só um pequeno passo. Evitar o primeiro que o segundo não aparecerá tão fàcilmente.

4.º—A chuva faz germinar as sementes do *míldio*. Façam, pois, os tratamentos antes ou logo em seguida à chuva. Se a chuva persiste, sulfatar e sufrolar na primeira calma. As chuvas acompanhadas de vento são perigosas. O vento transporta o míldio, a chuva fá-lo germinar.

5.º—Empregar sempre as caldas cúpricas alcalinas, bem dosadas e aderentes. A calda *Schloesing* ou a bordalesa feita com cal gorda de boa qualidade são excelentes preparações, devendo usar-se de preferência, enquanto que a ciência e a prática não mostre noutras efeitos, mais activos e eficazes.

6.º—Não empregar senão as caldas frescas. Uma calda em solução perde, pouco-a-pouco, a sua aderência e a sua eficácia.

7.º—Aplicar muito cuidadosamente as sulfatagens e as sufrolagens, por cima e por baixo das fôlhas, não esquècendo os cachos. Empregar os bons pulverizadores, bons jactos e as nossas sufroladeiras registadas.

8.º—As sulfatagens liquidas são insuficientes. Um bom preparado cúprico em pó é indispensável para completar o tratamento no interior das cepas quando a folhagem é muito desenvolvida, *quando a videira está em flor* e para os cachos. O *Sufrol* é o enxofre que contém o *cobre* no estado mais fino, mais aderente e mais activo. Os seus efeitos são certos contra o *míldio* e *oídio* sempre que seja aplicado conforme as nossas indicações.

9.º—Alternar as sulfatagens com as sufrolagens mas não substituir um tratamento, por outro. É preciso *sulfatar* e é preciso *sufrolar*. Não esqueçam nunca.

10.º—Não sulfatem por tempo de sol quente. Esta prática tem causado muita perda de vinho. Pode a incubação do míldio estar feita esperando só um pouco de umidade para aparecer e tudo destruir em poucas horas. *Não sulfatem quando a videira estiver em flôr—Sufrolem.* Uma aplicação bem feita de Sufrol, neste momento, é muito importante para evitar o desavinho, o míldio e o oídio dos cachos.

O SUFROL é vendido pela Empreza Nacional Agricola, Largo de S. Domingos, 57-1.º—Porto, ao prêço de 10, 20 e 76$00 respectivamente cada saco de 5, 10 e 40 kg. A CALDA SCHLOESING custa 147$50 de 50 kg.

BAIRROS ECONÓMICOS E CASAS BARATAS

PROFILAXIA E SALUBRIDADE PUBLICA

Aquêles que não defendem a saúde das famílias operárias, são contra SALAZAR e o ESTADO NOVO!

PAGINA DO CONCELHO

Fornelos, 23

Como noticiamos no último numero, completou mais uma primavera no dia 20, o nosso Ex.mo Paroco. O presidente da Juventude Agrária Católica, resolveu com os seus sócios, fazer-lhe uma sessão de homenagem e saüdação.

E, para isso, pediu aos pais das creanças da cruzada para que nesse dia as mandassem todas; e todos atenderam ao seu pedido. Êle como é o seu zelador acompanhou-as em procissão da capela de Santa Comba até à igreja, levando as creanças cada uma a sua flor branca, que assim as entregaram ao seu director espiritual, seu Pastor e seu guia; as creancinhas entregaram-nas como prova da sua gratidão e da sua inocência; as florinhas eram brancas com a brancura das suas alminhas jovenis.

O Rev.mo Pároco recebeu-as como uma grande dádiva, abençoando-as a todas com o seu coração satisfeito a transbordar de alegria.

Depois ainda dois meninos e duas meninas em nome dos seus companheiros, foram coroá-lo de esfolhadas e perfumadas flores.

O seu zeloso e Presidente da Juventude, falou-lhes da significação do acto que acabavam de praticar e disse-lhes que nunca esquecessem de pedir pelo seu Pároco e que não esquecessem também aquele dia, prestando-lhe sempre a merecida homenagem, sequer como acabavam de fazer.

Depois voltando-se para os seus companheiros da Juventude disse-lhes: Se somos jóvens da Acção Católica, se somos Rapazes de Acção e exemplo, é pelo nosso exemplo que havemos de mostrar as nossas obras;—e portanto também não havemos de ficar de braços cruzados. Vou em nome de todos oferecer-lhe uma pequena lembrança, mas que espero seja recebida com tanto amor como se fôsse uma coisa muito valiosa, porque o nosso Rev.mo Assistente conhecendo a nossa boa vontade nos desculpará. E, foi oferecer a sua lembrança acompanhado do secretário e do tesoureiro que nessa ocasião o cobriram de flores e tôda a multidão os acompanhou com uma salva de palmas.

O presidente voltando de novo a falar com clareza e entusiasmo como já é de costume, encerrou a sessão, pedindo ao homenageado e seu Assistente, a bênção para si, para os seus companheiros, para as creancinhas e para toda a multidão, terminando com vários canticos próprios e com vivas, ao Pároco a Cristo Rei e á Acção Católica.

No fim de tudo isto o Rev.mo Pároco tomou a palavra e agradeceu ardentemente as saüdações que acabavam de lhes prestar e falou da Acção Católica e dos seus merecimentos, dizendo comovido e manifestando a sua alegria—Bendita a hora em que foi organizada a Juventude Católica nesta freguesia. «Eu lhe entrego o meu coração e todo o meu ser».

E falando da grande necessidade de uma sede própria para as suas sessões, ofereceu-lhes uma grande e valiosíssima esmola, para que êles possam conseguir fazer uma sede nova. Por fim deu também vivas a Cristo Rei e à Acção Católica.

A sua manifestação era toda a alegria.

Que muitas vezes lhe façam esta festa com a mesma alegria, são os nossos ardentes votos.

—Também passou o seu aniversário no dia 21, o sr. Dr. Domingos Barbosa Jardim, distinto médico desta freguesia; e, por isso, o cumprimentamos apresentando-lhe as mais gratas felicitações, desejando-lhe muitas datas iguais e com muita alegria.

—Na próxima quinta feira, a devoção da hora de adoração e comemoração da Ascenção de Jesus ao Céu, terá lugar ás 19 horas oficiais. Nessa ocasião será comemorado o aniversário da organização da Juventude Agraria Católica. Haverá no fim da devoção uma sessão solene, pelos rapazes da mesma organização e à qual todos assistirão.

Serão relatados nessa ocasião todos os seus serviços e actividades, durante o ano passado.—C.

Silveiros, 23

Na sua casa do Ribeiro, desta freguesia, faleceu após prolongado sofrimento no passado dia 17, a saudosa sr.ª Maria Henriqueta Fernandes Campêlo, espôsa amantissima do nosso amigo sr. Joaquim Miranda Campêlo, estimado proprietario e armazenista de Vinhos.

Contava 42 anos de idade, e era descendente da casa da Lavandeira da visinha freguesia de Rio Côvo e aparentada com as mais distintas e consideradas pessoas daquela freguesia.

A sua morte apesar de esperada, foi sentidíssima pois a saudosa finada era uma autentica alma de eleição. Com a sua morte, perdem seus filhinhos o seu desvelado carinho e os pobresinhos uma grande benfeitora. O seu funeral realisado pelas 10 horas de 5.ª feira, foi muito concorrido, nele se encorporando pessoas de todas as categorias sociais. As solenidades tiveram a assistencia de 11 eclesiasticos bem como de varias confrarias. Organisaram-se tambem varios turnos e conduzia a chave do caixão o sr. Miguel Miranda. Foram oferecidas algumas corôas pela familia e mimosos bouquets de flores naturais por pessoas intimas, nas quais se liam sentidas dedicatórias.

Paz á santa alma da inditosa finada e a seu marido, filhos, irmãos e demais familia, a expressão sincera do nosso pesar. O terno de missas do 7.º dia, hoje aqui celebrado, foi tambem bastante concorrido.

—Hoje foi sepultado nesta freguesia a infeliz Maria de Araujo Miranda «Pedras», que viveu e morreu na maior miseria. Paz à sua alma.—C.

Vila Cova, 23

Receberam-se em matrimónio: Carlos Fernandes Novais com Carolina Fernandes Nogueira; António José da Silva com Lúcia Fernandes de Sá Cachada; e Albino Freitas da Costa com Maria Silva.

—No último domingo, houve aqui festa em honra de Santo António. Constou de missa solene, e, de tarde, de exposição do Santíssimo, adoração e bênção, sermão e procissão, em que tomaram parte associações, Juventudes e muito povo.

Merecem parabens os que para ela trabalharam na respectiva Comissão, dum modo particular o seu solícito tezoureiro.

Presidiu à procissão o sr. Cónego Figueiredo de Miranda, que chegava à casa paterna poucas horas antes, vindo da Diocese de Uberaba, Minas Gerais, onde esteve durante 22 anos.

—No dia 22, foi operado, no Hospital de Braga, o seminarista Abel Gomes da Costa.

—Vimos aqui o sr. Dr. Álvaro Souto, que veio visitar seu primo—o sr. Cónego Miranda.

—As últimas chuvas muito beneficiaram a agricultura: é já outro o aspecto dos campos. Não foi porém nada demais. Os batatais nasceram mal, devido à estiagem, o mesmo acontecendo a algumas geiras de milho.

O aspecto da vinha é bom, tendo a *nascença* sido muito boa. A-pezar-disto, há uma ou outra amostra de mildiu.

O vinho das adegas não tem sido procurado. E uma ou outra pipa que se tem vendido é por preço de miséria.

De nada valeram as promessas da Comissão de Viticultura.

—Vai concluir-se a estrada de Samo, que foi cortada no ano transacto. Foi concedida comparticipação pela Junta pedida.—C.

Revista aos fundamentos da Fé

XXI

A origem e sucessão da vida proclamam a existência de Deus

Havendo tantas coisas no mundo e nascendo umas das outras, necessáriamente devem ter um princípio, qual só pode ser Deus (argumento popular tradicional).

Fantasmagorias dos materiatistas .. com mêdo de Deus

Sim: com o louco e presunçoso receio de esbarrarem com Deus no fundo da questão da *origem* dos seres,—nomeadamente dos seres *viventes*—é que os materialistas de tôdas as côres se têm obstinado em agarrar-se desesperadamente à imaginária *geração espontânia*, não obstante os flagrantes desmentidos que a ciência experimental tem dado a esta hipótese, mòrmente depois dos memoráveis trabalhos do genial Pasteur.

Êles mesmos deixam transparecer a sua temerária e cega pertinácia, reconhecendo, como Virchou, o rigôr fatal dêste dilêma: «Ou geração espontânea ou criação; *tertium non datur*».

Neste ponto todos os materialistas estão de acôrdo: Ou geração espontânea, ou Deus.

Asssim Zoborowski: «E' mister explicar o aparecimento dos organismos vivos por meios mèramente físicos ou químicos; ou atribuir a vida a um agente imaterial. Não há meio termo possível» *(Les mondes disparius)*. Hæckel, o inglório patriarca do *monismo:* «Quem não crê na geração espontânea deve admitir o milagre», isto é, a intervenção divina.

Por isso, quando o célebre químico Berthelot conseguiu realizar no laboratório a confecção do álcool e outras substâncias orgânicas, os monistas chamaram vitória e propalaram com grande alarde, que se tinha fabricado a *matéria viva*...

.. Vitória, que redundou num puro fiasco!

Blasonavem êles então enfáticamente: Calêmo-nos nós; é a Ciência, que fala em seu nome! Já se fabrica artificialmente álcool, ureia, açúcar, ácido fórmico, etc..

E a rigôr aquilo não prova absolutamente nada para o que os materialistas suspiravam. O que Berthelot havia conseguido, realizando quìmicamente aquêles produtos, não era ter dado soluçao ao grande enígma da origem da vida. Com as suas sínteses laboratoriais obteve, não uma *matéria organizada ou viva*, mas simplesmente uns imperfeitos *produtos orgânicos*.

Como nota o sábio Th. Moreaux, esta diferença radical compreende-se melhor assim.

Quando uma planta ou um animal respiram, se alimentam e vivem, êles escolhem e assimilam os produtos minerais, que se encontram ao seu alcance; transformam-nos nêsse *laboratório íntimo e natural*, que é a respectiva *célula*, em cujo segredo o fisiologista e o químico em vão tentam penetrar. Ali, na profundeza misteriosa da vida celular, feita uma escolha de substâncias e apos a ingestão e assimilação, são rejeitados e expulsos os materiais inúteis e nocivos, bem como os *dejectos e resíduos orgânicos*, elaborados no curso das operações vitais.

Comparando agora: O que a química, pela mão de Berthelot, conseguiu realizar é o fabrico dêstes *dejectos orgânicos*, que àliás a química biológica insensìvelmente já realiza há séculos sem conta;—e nada mais. Mas daí a produzir uma matéria *organizada e viva*, com todas as características da vida, vai um abismo.

V. A.

Ano XII da Revolução Nacional

—

No próximo sàbado 28 do corrente passa o XII aniversário da Revolução Nacional.

Para comemorar esta data, estão-se preparando, sobretudo em Lisboa e Porto, importantes festejos.

Nestas duas cidades, haverá grandiosos arraiais populares e importantes desfiles do Exército, Armada, Legião e Mocidade.

Os pobres também não serão esquecidos e só em Lisboa serão distribuïdos donativos na importância de 200 contos.

—No próximo número faremos a devida referência ao modo como foi comemorada uma data que nenhum português amante da sua Pátria jamais esquecerá.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Orfeon de Vila do Conde

—

Hoje o magnifico orfeon de Vila do Conde far-se-à ouvir no Teatro Gil Vicente, revertendo o produto do sarau para as vítimas pobres da horrorosa tragédia do 1.º de Maio em Viana do Castelo.

Informaram-nos que o grupo de senhoras que ontem percorreu a cidade para passar os bilhetes, não foi recebido como era de esperar, e que é de lamentar.

Que não haja caridade, que não se recorde mais as vítimas da catástrofe, nem as desgraçadas crianças que ficaram na miséria, que haja só uma fingida dôr e uma hipócrita comiseração, mas que se não sujeite esta terra à vergonha de não corresponder à gentileza de extranhos que, sem o menor lucro, antes fazendo despezas, ofereceram o seu concurso em favor das vítimas do nosso concelho. Oxalá tal não suceda.

DOENTE

—

Encontra-se enfermo o sr. Eduardo Machado Carmona, um dos homens bons desta cidade, a quem desejamos o mais rapido restabelecimento.

MISSAS

—

Em sufragio da alma da saudosa senhora D. Maria do Carmo de Lima Bandeira Ferreira, foram resadas na sexta-feira três missas na Igreja do Senhor da Cruz que se encontrava repleta de pessoas de todas as categorias sociais.

EDIDAL

Francisco José Monteiro Torres, Delegado do Govêrno do Concelho de Barcelos:

Para conhecimento dos interessados e dando cumprimento ao disposto no art.º n.º 8 do decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, faço saber que a esta secretaria baixou o edital da 1.ª Circunscrição Iudustrial do teor seguinte:

EDITAL

Augusto Fernandes, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faz saber que: — Hernani Norton requereu licença para instalar uma oficina de envernisamento de peles, incluida na 1.ª classe, com os inconvenientes de cheiro e perigo de incendio, no lugar de Mereces, freguesia de Barcelinhos, concelho de Barcelos, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul e poente com Mario Norton e nascente com Estrada Nacional.

Nos termos do Regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou toxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamacão, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com séde no Porto, rua de Santa Catarina n.º 805.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 19 de Maio de 1938.

O Eng.º Chefe,
Augusto Fernandes

É quanto se contém no referido edital.

Barcelos e Secretaria da Câmara Municipal, 23 de Maio de 1938.

E eu, António Pedrosa Pires de Lima, Chefe da Secretaria o escrevi.

Francisco José Monteiro Torres

EDITAL

Francisco José Monteiro Torres, Delegado do Govêrno do Concelho de Barcelos:

Para conhecimento dos interessados e dando cumprimento ao disposto no art.º n.º 8 do decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, faço saber que a esta secretaria baixou o edital da 1.ª Circunscrição Industrial do teor seguinte:

EDITAL

Augusto Fernandes, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição: Industrial:

Faz saber que: — Manoel Joaquim Fernandes requereu licença para instalar uma fábrica de artigos de galalite, incluida na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e poeiras, no lugar de Febros, freguesia de Viatodos, concelho de Barcelos, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul e nascente com José da Silva Ribeiro e poente com Estrada da Câmara.

Nos termos do Regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou toxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamação, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com séde no Porto, rua de Santa Catarina n.º 805.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 19 de Maio de 1938.

O Eng.º Chefe,
Augusto Fernandes

É quanto se contém no referido edital.

Barcelos e secretaria da Camara Municipal, 23 de Maio de 1938.

E eu, António Pedrosa Pires de Lima, Chefe da Secretaria o escrevi.

Francisco José Monteiro Torres

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

2.ª publicação
2.ª praça

Para os devidos efeitos se anuncia que no processo de execução fiscal da Fazenda Nacional contra Francisco Vitorino de Faria, da freguesia de Remelhe, desta comarca, foi designado o dia 29 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial sito nos Paços do Concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta publica de um moinho, sito no lugar do Vale, da freguesia de Remelhe, desta comarca, que entra em 2.ª praça por metade do seu valor—270$00, ficando as despezas da praça e da sisa a cargo do arrematante. Para deduzirem os seus direitos e assistirem aos termos do processo são por este meio citados todos e quaisquer credores ou interessados incertos do executado.

Barcelos, 16 de Maio de 1938.

O Chefe da 2.ª secção,
Delfino de Miranda Sampaio
Verifiquei
O Juiz de Direito,
Artur A. Ribeiro

EDITAL

Miguel Gomes de Miranda, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos:

Faço saber que, nos termos da deliberação da Camara de 23 do mês corrente, os donos dos prédios urbados e de estabelecimentos comerciais e industriais, situados na *área da cidade*, que tenham os prédios ou o recheio dos estabelecimentos seguros em sociedade legalmente autorizadas, são obrigados a apresentar na Secretaria, desde 1 de Junho até 15 de Julho, declaração escrita de onde conste a situação do prédio, a Companhia Seguradora e o número da respectiva apólice.

A declaração deverá ser feita em modêlo fornecido gratuitamente, e em duplicado, pela Camara, sendo um dos exemplares, com recibo, restituido ao declarante.

No acto da declaração, deverá ser apresentado o recibo do último prémio pago.

Os donos dos prédios urbanos e de estabelecimentos comerciais e industriais que não efectuaram a declaração no prazo mencionado serão colectados no próximo ano com o imposto para serviços de incêndios (0,5 por mil sôbre o valor metricial dos prédios ou do recheio dos estabelecimentos determinado pela aplicação do factor 10 ao total das colectas da distribuição industrial ou imposto profissional.

Para constar e devidos efeitos, mandei publicar êste e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Barcelos e Camara Municipal, 24 de Maio de 1938.

E eu, Antonio Pedrosa Pires de Lima, Chefe da Secretaria, o subscrevo.

O Presidente da Câmara Municipal:
Miguel Gomes de Miranda

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

2.ª publicação
2.ª praça

Para os devidos efeitos se anuncia que no processo de execução fiscal da Fazenda Nacional contra Domingos José Nogueira, da freguesia de Cristelo, desta comarca, foi designado o dia 29 do corrente por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial sito nos Paços do Concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta publica dos seguintes predios: Numero um—Leira de Mato, no lugar das Trancadas Velhas, da freguesia de Barqueiros, que entra em 2.ª praça por metade do seu valor—92$40. Numero dois—Outra leira de mato, sita no lugar da Bouça da Joana, da mesma freguesia de Barqueiros, que entra em praça por metade do seu valor—167$20, ficando as despezas da praça e respectiva sisa a cargo do arrematante. Para deduzirem os seus direitos e assistirem aos termos do processo são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos do executado.

Barcelos, 16 de Maio de 1938.

O Chefe da 2.ª secção,
Delfino de Miranda Sampaio
Verifiquei
O Juiz de Direito,
Artur A. Ribeiro

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

2.ª publicação
2.ª praça

Para os devidos efeitos se anuncia que no processo de execuçao fiscal da Fazenda Nacional contra Apolinário Gomes da Silva, da freguesia de Vila Seca, desta comarca, foi designado o dia 29 do corrente, por 11 horas, à porta do Tribunal Judicial sito nos Paços do Concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta publica, do predio de casas terreas e junto eirado de lavradio, sito no lugar de Lordelo, freguesia de Vila Seca, desta comarca, que entra em 2.ª praça por metade do seu valor—3.117$00, ficando as despezas da praça e da contribuição de registo por titulo oneroso a cargo do arrematante. Para usarem dos seus direitos e assistirem aos termos do processo são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos do executado.

Barcelos, 16 de Maio de 1938.

O Chefe da 2.ª secção,
Delfino de Miranda Sampaio
Verifiquei
O Juiz de Direito
Artur A. Ribeiro

PIANO

Vende-se. Falar na casa Coelho Gonçalves.

PINHEIROS

Ninguem venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Povoa de Varzim

Procurador Corrêa

Rua Inft D. Henrique—BARCELOS